

# Superação do Bullying na Escola: avaliação de uma experiência

▸ Walderlene de A. e Silva Gomes\*

▸ Candido Alberto Gomes\*\*

---

## Resumo

Esta pesquisa avaliou um projeto de superação do *bullying* e outras formas de violência num estabelecimento de ensino fundamental da rede pública do Distrito Federal. O projeto teve caráter transversal, envolvendo atividades predominantemente artísticas. Foram analisados e computados os registros dos livros de ocorrência antes e depois da execução do projeto, além de se realizarem entrevistas semiestruturadas e grupos focais com a equipe técnico-pedagógica, professores, funcionários e alunos. Os resultados foram muito positivos, ressaltando que uma escola, com poucos recursos, conjugou seus esforços com criatividade e liderança, de modo a reduzir sensivelmente a ocorrência de atos violentos. Foi obtida consciência significativamente maior em relação ao *bullying* e como dele proteger-se.

**Palavras-chave:** Avaliação de projeto. Violência escolar. *Bullying*. Cultura de paz. Currículo.

Problemas complexos podem ter, na realidade, soluções simples, enquanto estratégias mirabolantes e de altos custos podem não alcançar o impacto esperado. Com efeito, as violências na escola, embora aparentemente tão antigas quanto esta instituição, têm sido desveladas na pós-modernidade ou modernidade tardia tendo em vista a sua diversificação e possivelmente o aumento das suas proporções. Antes presencial, usa agora como arma e arena também as tecnologias da informação e comunicação. As consequências, como se sabe, vão do mal-estar na escola, do absenteísmo e da evasão aos suicídios, com fortes e momentosos impactos na mídia. Por isso, inúmeros projetos e programas têm sido desenvolvidos no mundo, com êxito variável, empregando diferentes recursos, mais ou menos sofisticados e caros.

---

\* Mestre em Educação, Universidade Católica de Brasília-UnB; Professora de educação básica da Secretaria de Educação do Distrito Federal.; E-mail: clgomes@terra.com.br.

\*\* Professor titular do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Católica de Brasília. E-mail: clgomes@terra.com.br.

Considerando que a escola é uma instituição onde se tecem interações humanas, com a inspiração de valores, quer explícitos, quer implícitos, constituindo-se um clima social mais ou menos favorável ao processo educativo, é possível conjugar ações capazes de superar as violências (não de enfrentá-las, o que suporia uma luta conflituosa), no sentido de mudar as relações entre as pessoas. Cabe destacar que as soluções não precisam ser de alto custo, nem esquecer o valor da simplicidade. É o caso do projeto aqui avaliado. Uma escola pública de ensino fundamental, cujo alunado em parte era socialmente desfavorecido, viu as suas atividades serem crescentemente perturbadas pela violência. Então, decidiu em equipe, com seus próprios recursos, inclusive e em especial suas lideranças, desenvolver um projeto de superação do *bullying*. Em sua singeleza, transcendeu a compartimentação das salas de aula, onde o professor age e sofre isolado, e utilizou amplamente a sensibilização pelas artes, por meio da transversalidade curricular, para formação de valores, atitudes e comportamentos, abrangendo os diversos componentes da comunidade educativa. Certamente com limitações, conseguiu alterações sensíveis, que, todavia, necessitam ser continuamente reiteradas e aperfeiçoadas. Os recursos materiais foram muito modestos e não houve consultoria externa, mas apenas a mobilização dos talentos do seu pessoal, com imaginação, cooperação e quebra de rotinas. Estas, embora cômodas, perpetuavam longas filas de alunos que praticavam atos de indisciplina e violência, diante das salas da direção, à espera do limitado repertório de punições prescritas pela burocracia educacional. Nesse sentido, embora simples e com modestos custos, o projeto mostra o mais importante: que é inevitável quebrar os ovos para fazer a omeleta. A experiência, devidamente avaliada por pesquisa, merece ser comunicada, pelo menos para que o desespero de educadores e educandos não se transforme numa espiral descendente, que suga as energias e contribui para o adoecimento de muitos, com significativos danos individuais e coletivos.

### **O *bullying*: descoberta recente**

Nas brincadeiras normais e saudáveis todos se divertem, porém, quando apenas uns poucos se divertem à custa de outros, que sofrem, não se trata de brincadeira e, sim, violência. A escola deve ser um lugar de alegria, prazer e coleguismo entre alunos.

Sabemos como é importante o bom relacionamento entre professores e alunos e de cada um deles entre si para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Durante as aulas e fora delas são comuns brincadeiras e “zoações” que tornam o ambiente mais descontraído e divertido. Estas brincadeiras são saudáveis e, segundo os alunos, incentivam o convívio. Todavia, quando passam ao nível de crueldade, prepotência, insensatez e “segundas intenções”, conforme o grau de tolerância de cada indivíduo (que, por sua vez, varia de acordo com a história intrapsíquica de cada um), estes atos se transformam em violência.

Geralmente quando se trata do tema violências na escola, pensa-se em várias situações em que os alunos brigam, discutem, se amontoam e algum adulto interfere, separando os “briguentos”. Ou aquelas situações de gangues, formadas por “alunos ou ex-alunos problemas”, munidos de armas e drogas, que invadem a escola, depredam o patrimônio ou deixam rastros de sangue. Diante deste quadro adotam-se medidas de segurança para evitar as violências. Transforma-se a escola em verdadeira prisão, com altos muros, grades, detectores de metais, câmeras de vídeo, até cães farejadores e vistoria nas mochilas dos alunos. Acredita-se que, com estas medidas, diminuirá a violência, mas o seu foco é apenas a violência explícita. Passa despercebida e merece a atenção de pesquisadores e educadores a violência velada (inclusive a intimidação), que se apresenta por meio de um conjunto de comportamentos cruéis, intimidadores, repetitivos e prolongados contra as mesmas vítimas, cujo poder destruidor é perigoso tanto para a comunidade escolar quanto para a sociedade como um todo, pelos danos causados ao psiquismo das vítimas: o *bullying*.

*Bullying* é palavra de origem inglesa, adotada em muitos países, para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma pessoa e colocá-la sob tensão; é termo que se refere a fenômeno epidêmico, específico e destrutivo, devendo ser considerado questão de saúde pública. Portanto, requer medidas e esforços conjuntos, ações estratégicas por parte de toda a comunidade escolar e das autoridades competentes ligadas à educação, à saúde e à segurança pública, por meio de programas preventivos e assistenciais. Começando a ser pesquisado por Olweus (1998), na Noruega, a partir do suicídio de dois adolescentes, revela-se uma relação assimétrica de poder, em que a baixa autoestima da vítima facilita a violência. O seu cortejo de impactos sobre a saúde

psicossocial inclui, entre outros, depressão, ideações suicidas, perturbação do rendimento escolar, absentéismo e desistência. Agressores de ambos os sexos tendem a praticar comportamentos delinquentes no futuro (VAN DER WAL; DE WIT; HIRASING, 2003). Não é algo trivial ou inconsequente.

Segundo pesquisa de Ortega-Ruiz, Del Rey e Casas (2013), o *bullying* recebe o impacto de diversas variáveis, destacando-se pelo valor preditivo a indisciplina e os comportamentos disruptivos, que possuem relação direta entre si. Em outras palavras, escolas com frequente indisciplina e interrupção tendem a ser palco também frequente de *bullying*. Igualmente, a desídia dos professores, que contribui para ambas as variáveis, tende a aumentar a ocorrência do fenômeno. Por outro lado, a gestão interpessoal positiva do professorado, o ajuste de normas e a rede social entre os colegas possuem uma relação negativa ou inversa, isto é, concorrem para reduzir o *bullying*. Desse modo, a capacidade de os educadores agirem, em vez de deixarem a violência ao largo, tem um papel relevante.

No Brasil, o *bullying* ainda é pouco estudado e comentado. Em relação à Europa estamos com pelo menos 15 anos de atraso. Ainda não existem indicadores que nos forneçam dados globais. Entre 2000 e 2003 Fante (2005) realizou uma pesquisa pioneira, com 2 mil alunos de escolas públicas e privadas de São José do Rio Preto. Os resultados foram preocupantes: 49% dos participantes estiveram envolvidos no fenômeno. Desses 22% eram vítimas, 15% agressores e 12% vítimas agressoras. A ABRAPIA (2005) em 2002 realizou uma pesquisa no Município do Rio de Janeiro, com resultados semelhantes às realizadas por Fante. Do universo pesquisado de 5.875 alunos, 40,5% estavam envolvidos em casos de *bullying*. Desses, 17% eram vítimas, 13% agressores e 11% vítimas agressoras.

Investigação de 2006, realizada na Argentina, Brasil, Chile, Espanha e México, situou o Brasil como “campeão” em *bullying*. Participaram 4.025 alunos de escolas públicas e particulares, de 6ª a 8ª série do ensino fundamental e do ensino médio. Os resultados apontaram que 33% foram insultados ou se tornaram alvos de comentário maldoso, 20% apanharam e 8% foram assediados sexual, física ou verbalmente na escola (FANTE; PEDRA, 2008). Estes dados revelam que são preocupantes os casos de *bullying* no

ambiente escolar brasileiro, mas, após vários estudos realizados sobre este assunto, constatamos também que podemos reduzir ou mesmo eliminar o *bullying*.

Para Fante (2005) são duas as suas causas básicas:

1. A necessidade de o agressor reproduzir contra outros os maus tratos sofridos tanto em casa como na escola, que se irradiam como dinâmica psicossocial doentia e repetitiva, numa espécie de ciclo vicioso, denominado Síndrome de Maus-Tratos-Repetitivos (SMAR), oriunda do modelo introjetado na primeira infância, que a criança inconscientemente introduz no seu comportamento. Dessa forma, estará predisposta a reproduzir a agressividade sofrida ou a reprimi-la, comprometendo o seu processo de socialização.
2. Ausência de modelos educativos humanistas, capazes de orientar e estimular o comportamento da criança para a convivência social pacífica e para o seu crescimento moral e espiritual, fatores indispensáveis ao processo socioeducacional, promotor de autossuperação na vida. A ausência destes valores humanistas leva à intolerância, que dificulta a aceitação das diferenças individuais e do outro.

O segundo ponto é o que mais de perto compete à escola, salientando a importância da interação entre as pessoas e da liderança dos educadores, numa visão democrática e intercultural de respeito. O *bullying* começa pela recusa de aceitação de uma diferença, seja ela qual for, mas notória e abrangente, envolvendo religião, etnia, estatura física, peso, cor dos cabelos, deficiências visuais, auditivas e vocais, ou de ordem psicológica, social, sexual e física, ou, ainda, relacionada a aspectos como força, coragem e habilidades desportivas e intelectuais. As percepções dessas diferenças fazem surgir conflitos que, na maioria das vezes, utilizam métodos autoritários, linguagem violenta e atitudes hostis.

### **Que faz uma escola bem sucedida?**

Um caudal de pesquisas tem utilizado métodos quantitativos e qualitativos para detectar os fatores que fazem diferença na escola bem sucedida. Variáveis como despesa por aluno, número de alunos por turma, instalações em geral e diplomas dos professores muitas vezes apresentam resultados decepcionantes. Pode-se sintetizar que recursos materiais e aspectos formais são indispensáveis, mas não suficientes. Quanto às escolas bem-sucedidas – e às diferenças entre as mais e menos bem-sucedidas –

escapam como água por entre os dedos dos pesquisadores, em particular dos mais ortodoxos. Por isso mesmo, as constatações se baseiam em grande parte na análise qualitativa (sem, em nenhum momento, subestimar a quantitativa), destacando-se o clima da escola e da sala de aula. As conclusões convergem no sentido de enfatizar a atmosfera de encorajamento, altas expectativas, tratamento pessoal, liderança – dos diretores, com o seu papel reconhecidamente estratégico, e dos docentes –, cordialidade, disciplina, relações mais próximas com a família e os alunos e, em parte resultante disto, apoio dos pais (GOMES, 2005). As dinâmicas inter-relações de aspectos que com muita dificuldade podem ser mensurados criam uma espécie de instabilidade estável que leva a escola a cumprir satisfatoriamente as expectativas da sociedade. Não é que os recursos materiais sejam dispensáveis, ao contrário. Porém, conforme Brooke e Soares (2008), os principais recursos escolares são a organização do ambiente escolar e o clima acadêmico, formados com a liderança do diretor e o envolvimento dos professores com a aprendizagem dos estudantes, associando tais fatores ao processo de ensino-aprendizagem. Seguindo esta pista, Machado (2013) identifica as facetas da primeira categoria, a escola como ambiente propício de aprendizagem, desdobrando-as em oito subcategorias convergentes: acolhimento, disciplina, objetivos comuns, organização dos espaços físicos e pedagógicos, prática de projetos, expectativas elevadas dos docentes em relação aos discentes, cobrança sistemática das atividades dos estudantes pelos professores e colaboração mútua entre a escola e as famílias. A segunda categoria, o clima da escola, se decompõe em quatro subcategorias: respeito, diálogo, confiança e relações interpessoais. Eis porque, nas suas conclusões, Machado (2013) revela a trama da eficácia escolar, tendo como centro de gravitação a identidade com a profissão de professor. Neste tecido, o efeito dos fatores identificados não se encerra em cada um individualmente, mas na relação entre eles e no modo como se articulam e sinergizam no ambiente escolar. Sendo a escola um dos palcos do processo educativo, isto é, da formação de valores, atitudes e comportamentos, a autora realça como essenciais os processos de humanização.

Estas visões renovadas de novas gerações de pesquisa, muito além da atomização de variáveis, em que pese o seu grande mérito, apontam que a experiência da escola em

foco tem o seu sentido: ao dar novos impulsos às teias de relações sociais no seu âmbito, o projeto de superação do *bullying* alcançou os resultados analisados adiante.

### **Metodologia da avaliação**

De um lado, foi utilizada a abordagem quantitativa no levantamento do número de ocorrências de *bullying* e outras formas de violência na escola. De outro, a abordagem qualitativa permitiu analisar com relativa sutileza fenômenos por trás dos fatos, segundo a perspectiva dos sentimentos dos alunos, professores, gestores e outros integrantes da escola, envolvidos na realização do projeto. Nesse sentido, além do registro das observações, efetuaram-se a análise dos projetos e outros documentos pertinentes, inclusive trabalhos dos alunos durante a execução, entrevistas semiestruturadas com professores, gestores e funcionários e grupos focais com alunos.

Quanto aos professores, a escola contava com 22 regentes, sendo 11 das turmas do matutino e 11 das turmas do vespertino. Destes foram escolhidos por sorteio cinco professores do período matutino, sendo um de cada ano do ensino fundamental, e cinco do turno vespertino, escolhidos pelo mesmo critério. Além destes, foram entrevistadas seis educadoras do quadro da escola: a professora regente da biblioteca, a professora de educação física e as que idealizaram o projeto e foram suas líderes, a professora da sala de recursos e a pedagoga; uma professora da equipe psicopedagógica e uma professora de contrato temporário. A escolha desta última teve como objetivo verificar a sua perspectiva em relação ao projeto e à escola como um todo, já que era recém-chegada. Dos 38 professores da escola pesquisada, 16 participaram das entrevistas semiestruturadas, sendo dez regentes (5 do turno matutino e 5 do turno vespertino), além dos seis pela sua relevância ao estudo.

Quanto à equipe diretiva, foram entrevistados todos os coordenadores: dois do Bloco de Iniciação à Alfabetização, o BIA (1º e 2º anos), e a coordenadora do 4º e 5º anos. Da direção foram entrevistadas a diretora, a assistente pedagógica (supervisora) e a assistente administrativa.

Por sua vez, as entrevistas com os funcionários se realizaram com as porteiras dos dois turnos, uma técnica de secretaria, um agente de conservação e limpeza e o monitor que trabalhava com as crianças especiais e auxiliava no recreio. A escolha deste grupo se

deu por aceitação da entrevista e a sua contribuição foi relevante para o aperfeiçoamento do projeto. Ao todo se realizaram 27 entrevistas.

No que tange aos grupos focais, a escolha dos alunos se fez por meio do sorteio das turmas, uma de cada ano por turno; depois, em cada turma, foram sorteados em média oito alunos por grupo, realizando-se dez grupos focais (cinco no período matutino e cinco no vespertino), com o total de 81 alunos. Nos grupos focais do 1º e 2º anos utilizou-se também uma história contada para a análise do *bullying*. Efetuou-se a análise de documentos, desenhos, cartazes e registros de outras atividades desenvolvidas durante o projeto. A coleta de dados se realizou no período de agosto a dezembro de 2012.

A escola pesquisada é da rede pública do Distrito Federal, oferecendo do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. No ano de 2008 foi avaliada pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) com 2,8, isto é, baixo rendimento. Em decorrência disso, recebeu o Programa de Desenvolvimento da Escola (PDE), que incluiu um processo formativo dos educadores, visando a um trabalho pedagógico focado no desenvolvimento escolar e na mudança de rendimento. No entanto, a verba do PDE não foi recebida devido a pendências na prestação de contas de 2009. Nos anos de 2010 e 2011 todas as pendências foram resolvidas e, em 2012, a escola estava apta novamente a receber as verbas.

Como resultado dos esforços, a escola em 2011 conseguiu elevar a sua avaliação no IDEB para 5,3. Atualmente conta com a verba do Programa de Descentralização Administrativa e Financeira (PDAF) da Secretaria do Estado de Educação, com a arrecadação da Associação de Pais e Mestres (APM) e com o aluguel de torre de transmissão de telefonia móvel. Durante a realização da pesquisa, aguardava liberação de recursos financeiros do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE).

A escola possui um histórico de violências, tendo ocorrido o assassinato de duas crianças no seu interior na década de 1980 e, nos anos 2000, houve agressão física e verbal a uma professora pela mãe e tia de um aluno. Em consequência, a docente foi aposentada por invalidez. Relatam-se também outros casos de violência e abuso.

No ano de 2012 a escola contava com 263 alunos no turno matutino e 282 alunos no turno vespertino, com o total de 545 discentes, sendo que 25 eram alunos com necessidades especiais de ensino (ANEE) e destes cinco estavam em turma de

integração inversa (alunos portadores de necessidades especiais que necessitam de maior acompanhamento, em turmas com menor número de alunos, tal como estipulado pela estratégia de matrícula). Assim, contavam-se 11 turmas em cada turno. A média de alunos por turma era de 23,9 para o turno matutino e 25,6 para o vespertino.

Nesse ano o estabelecimento oferecia, em suas dependências, ginástica rítmica nos dois turnos, preferencialmente para estudantes da própria escola, mas também da comunidade, além de programa de handebol para alunos do 4º e 5º anos e da comunidade, em quadra fora da escola. À noite era aberta à comunidade para ginástica e grupo de capoeira, de que participavam alunos, ex-alunos, pais, avós e comunidade em geral.

O total de servidores da escola era então de 62, sendo cinco membros do grupo diretivo, três coordenadores, 22 professores regentes de turma, oito membros da equipe psicopedagógica, uma professora encarregada da biblioteca, uma professora de educação física, quatro funcionários da secretaria, duas porteiras, quatro vigias, dez agentes de conservação, três merendeiras e quatro auxiliares de serviços gerais.

O estabelecimento contava com boas instalações, incluindo auditório, duas quadras poliesportivas, parquinho, salas de vídeo, auditório, biblioteca, sala de artes, salas de aula, dois banheiros masculinos de alunos (maiores e menores), um banheiro readaptado para alunos com necessidades especiais, dois banheiros femininos (maiores e menores) e dois bebedouros (maiores e menores). Além disso, o edifício dispunha de uma sala de coordenação, sala dos professores com copa e dois banheiros, uma sala da direção, uma sala de apoio para os assistentes administrativos/supervisor, uma sala para os auxiliares, dois banheiros para os auxiliares, uma secretaria, uma portaria, uma sala de multimídia, três salas para a equipe psicopedagógica, duas salas para atividades de reforço e um estacionamento para funcionários. As instalações se encontravam bem conservadas e haviam sido pintadas. Comparado com outras unidades da rede, o estabelecimento em tela possuía instalações muito boas, já que, entre outros aspectos, poucas contavam com quadra e auditório. Em relação ao Brasil, pode-se considerar igualmente bem dotada.

No tocante aos materiais e equipamentos, a unidade escolar também apresentava condições positivas. A biblioteca possuía acervo satisfatório, enriquecido todos os anos. Os livros didáticos destinados aos alunos eram doados pelo Ministério da Educação,

mediante escolha pelos professores e substituídos a cada três anos. Cada sala de aula recebia uma sacola literária, trocada no decorrer do ano. A biblioteca foi ampliada para melhor acomodação dos alunos e nela se fazia contação de histórias para círculos de discentes. Nesse mesmo ano foram incorporados livros doados pelo Governo do Distrito Federal na feira do livro. Os equipamentos incluíam máquina para reprografia, computador, três impressoras, acesso à Internet, dois duplicadores, mapas, globos, materiais pedagógicos, jogos, televisão, *datashow*, aparelhagem de som e microfone. A lacuna se situava na área de informática, que dispunha de equipamentos para os alunos, entretanto não eram utilizados por falta de manutenção.

O corpo discente abrangia estudantes de um bairro de renda média, para os padrões do Distrito Federal, além de residentes em dois assentamentos, outros de um bairro de baixa renda e alguns de municípios goianos vizinhos. Assim, a sua situação econômica e social era bem variada. Havia uma proporção expressiva com satisfatórias condições econômicas, sociais e culturais e uma minoria de residentes dos assentamentos, em condições bastante precárias. Muitos destes alunos recebiam bolsa escola e utilizavam o transporte público. O número de matriculados que moravam apenas com a mãe ou com os avós era maior que o dos alunos que viviam com pai e mãe.

Dentre os pontos positivos da escola, situavam-se o trabalho em equipe, coordenadores focados no processo de aprendizagem e no acompanhamento do desempenho das turmas, equipe de apoio à aprendizagem, atendimento aos pais, planejamento de projetos inovadores, planejamento das aulas com base nas dificuldades de aprendizagem encontradas e gestão participativa, entre outros.

Entretanto, apresentava fragilidades, como indisciplina; violências, inclusive *bullying*; crianças no terceiro ano situadas ainda no nível pré-silábico; falta de pessoal na portaria; dificuldades com alunos especiais; período de adequação à nova direção, recentemente designada; redefinição de papéis da direção e necessidade de maior parceria com a comunidade.

### **O Projeto Antibullying**

Quando da elaboração do Projeto Político Pedagógico da escola (PPP), o grupo de educadores criou o projeto de convivência e inclusão, que seria de responsabilidade da

sala de recursos e da equipe psicopedagógica e de orientação. O Projeto *Antibullying* surgiu como um desenvolvimento deste projeto maior. A princípio foi executado o projeto de sensibilização “Um pouco devagar”, que trabalhou com valores em março. Em agosto, numa reunião de docentes, a professora da sala de recursos, juntamente com a pedagoga, propuseram o Projeto *Antibullying*. Após a aprovação do grupo de professores e da direção, foi sugerida a semana de 20 a 24 de agosto para executá-lo. Tendo em vista sensibilizar para as graves implicações do *bullying*, tanto para agressores, quanto vítimas e testemunhas, e elevar a capacidade de proteger-se das agressões, o projeto incluiu mensagens e debates a partir dos seguintes meios:

1. Apresentação de filmes na videoteca: “O Galinho”, para os alunos do 1º ao 3º ano, e “Karatê kid”, para os do 4º e 5º anos. Foram entregues a cada professora sugestões de trabalho com os filmes, leitura informativa compartilhada sobre a conceituação de *bullying*, depoimentos de pessoas famosas que já sofreram *bullying*, bem como sugestões de outras atividades e de pesquisa sobre o tema em dinâmica com as turmas.
2. Músicas: Trabalho com “Amigos do coração” para o 1º e 3º anos e “Canção da América”, de Milton Nascimento, para o 4º e 5º anos. Cada professora recebeu a letra da música para todos os alunos desenvolverem um trabalho. A interpretação seria apresentada na culminância do projeto.
3. Palestras sobre *bullying*, ministradas pela professora da sala de recursos e pedagoga, para todas as turmas, com sensibilização por meio de vídeos e fantoches.
4. Artes/Redação: Confecção de murais sobre o tema, por meio de desenhos e/ou produção de textos, de acordo com o nível dos alunos. Cada turma deveria confeccionar seu mural.
5. Entrega de CD com músicas sobre amizade e respeito, selecionadas por professora da equipe psicopedagógica.
6. História encenada: contada pela professora responsável pela biblioteca, “*Bullying na escola: o que é isso?*”, extraída do livro de Fante e Pedra (2008), para todas as turmas, adaptando a linguagem à faixa etária. Seguiu-se trabalho em sala de aula.
7. Culminância: abraço à escola, com a apresentação das músicas pelos alunos.
8. Avaliação: durante todos os momentos, através da participação nas atividades, tendo em vista a mudança de comportamentos.

Considerando repercussões muito positivas e a necessidade de administração do tempo letivo, a programação associou o Projeto *Antibullying* com as atividades da Semana da Luta da Pessoa com Deficiência, realizando a culminância do Projeto nesta Semana. Assim, aumentou o tempo disponível para trabalhar com o tema *bullying*,

associando-o ao respeito às diferenças e promoveu a sinergia entre si. A literatura mostra que a vulnerabilidade dos alunos portadores de necessidades especiais às violências escolares é maior que a dos demais (p. ex., SECUNDA, 2005; FERREIRA, 2008; SWEARER et al., 2012). A recente inclusão de tais alunos, segundo as políticas educacionais adotadas, pode aumentar os riscos de violência física e simbólica contra eles. Por isso, as atividades foram inauguradas com uma apresentação de ginástica rítmica no auditório, ao som da música “Você é especial”, de Aline Barros. Destacou-se no conjunto de atividades a Sala Sensorial, uma sala para as pessoas captarem as dificuldades do deficiente. Nela as pessoas vivenciaram o ambiente de olhos vendados e ao som de músicas com sons da natureza, pássaros, água etc. Saborearam jujubas, tatearam objetos ásperos, macios, frios, moles, brinquedos e objetos de vários tamanhos. Cheiraram café, pisaram em pedras e cordas, tatearam móveis com objetos pequenos, andaram em cima de um banco e, ao final, registraram suas sensações em um caderno.

A princípio o Projeto *Antibullying* estava mais voltado para professores, alunos e coordenadores. Porém, os funcionários passaram a se inteirar do assunto pelas atividades efetuadas, como palestras, murais, cartazes e o abraço geral à escola, enquanto os pais tomaram amplo conhecimento por intermédio dos comentários dos seus filhos. Ademais, os próprios alunos, sensibilizados, cobraram da direção da escola atitudes e decisões em relação ao *bullying*. Assim, verificou-se a participação de todos os segmentos.

Em todas as atividades cada professor, ao seu modo, procurou acrescentar manifestações particulares às atividades em sua turma. O *bullying* passou a ser o assunto geral da escola. A direção resolveu criar um questionário sobre convivência na Avaliação Institucional e aumentou a sua preocupação com o assunto. Por isso mesmo, foi entregue aos funcionários e visitantes uma lembrança em forma de coração, com mensagens diversas. Em todos os corações havia um pequeno espelho com a frase “Você é importante para nós”. Cada turma recebeu um coração grande, com todas as frases e um espelho, para trabalhar a autoestima com seus alunos. Paralelo a isto, os estudantes assistiram a vídeos relacionados às diferenças e, na biblioteca, conheceram a história “As fadas nos falam de autoestima”. Foram afixados cartazes com desenhos dos

alunos portadores de necessidades especiais e frases sobre as diferenças e o respeito ao próximo. Cada turma confeccionou o seu mural sobre *bullying* à sua maneira, com a orientação do respectivo professor. Por sua vez, a professora responsável pela biblioteca confeccionou um mural sobre o trabalho realizado nas Paralimpíadas. Igualmente, cada regente de turma desenvolveu um trabalho relacionado à história “*Bullying* na escola” e, na biblioteca, os alunos confeccionaram um livrinho sobre a mesma história, relacionando o *bullying* às Paralimpíadas. Ainda foi confeccionado um mural, com o auxílio da equipe psicopedagógica, com o nome da escola e fotos das turmas e funcionários para demonstrar a união, colaboração, respeito e harmonia que se pretendia alcançar. Foi um momento marcante e gratificante para todos os envolvidos.

O fechamento do Projeto *Antibullying* e Respeito às Diferenças foi realizado pela professora da sala de recursos e pela pedagoga, quando os alunos e professores participaram com exibição dos vídeos sobre amizade, os discentes apresentaram as músicas estudadas, formularam perguntas sobre o *bullying*, algumas turmas amarraram fitas de paz na cabeça, disseram não ao *bullying*, usaram coletes pedindo paz e, ao final, deram um abraço no interior da escola, rezaram um “Pai Nosso” e disseram “Não ao *bullying*!” E abraçaram e beijaram colegas e professores. Algumas crianças choraram, todos se emocionaram e a ação foi contagiante.

Por fim, foi encenada a peça teatral “A Arca de Noé”, com a participação de alunos especiais da escola. Cada turma colaborou com as pinturas de alunos de todas as salas. A peça enfocou as diferenças e o respeito ao próximo, sendo apresentada no auditório, onde todos os alunos assistiram e aplaudiram os seus colegas. Os discentes manifestaram-se, declarando que gostaram e participaram mais que de outras peças, antes levadas à cena. Paralelamente, uma professora desenvolveu um subprojeto, com pinturas em tela, para desenvolver a autoestima dos alunos por meio de obras do pintor Romero Brito.

### **Resultados do projeto**

A primeira aproximação dos resultados se fez pela ótica quantitativa. Os livros de ocorrências individuais e da escola, documentos oficiais, foram analisados e os casos registrados e categorizados, de modo a cotejar os fatos nos cinco meses anteriores ao

projeto e, depois, passado o período de impacto inicial, pouco mais de dois meses, até findar o ano letivo. Havendo diferenças por turno, os dados foram desagregados segundo os períodos da manhã e tarde.

Os dados da tabela 1, representados no gráfico 1, mostram que, antes do projeto, a escola tinha 207 casos de violências e, após, este número cai para 75, representando 63,8% de redução. Observando as violências mais frequentes no turno matutino, destacam-se: a violência física, com 88 casos, representando 42,5% do total de fatos registrados; a indisciplina, com 49 casos, representando 23,7%, e o *bullying*, com 43 casos, ou 20,8%. O *bullying* representava a terceira violência mais praticada no matutino. Depois do projeto, a violência física, mais visível, registrou maior diminuição: passou para 24 casos, seguida da indisciplina, com 22 casos, e o *bullying* declinou para 26 casos. Embora houvesse a redução de 39,5%, o *bullying* ficou como a primeira violência mais praticada, sugerindo que ele, apesar do projeto e da redução, apresentou notável resistência. A indisciplina passou a ser a terceira violência mais praticada, tendo-se reduzido em 55,1%. Observa-se que as agressões de pai a professor e de aluno a professor reduziram-se em 100%. Desse modo, no período matutino constatou-se redução considerável do nível de violências/*bullying*.

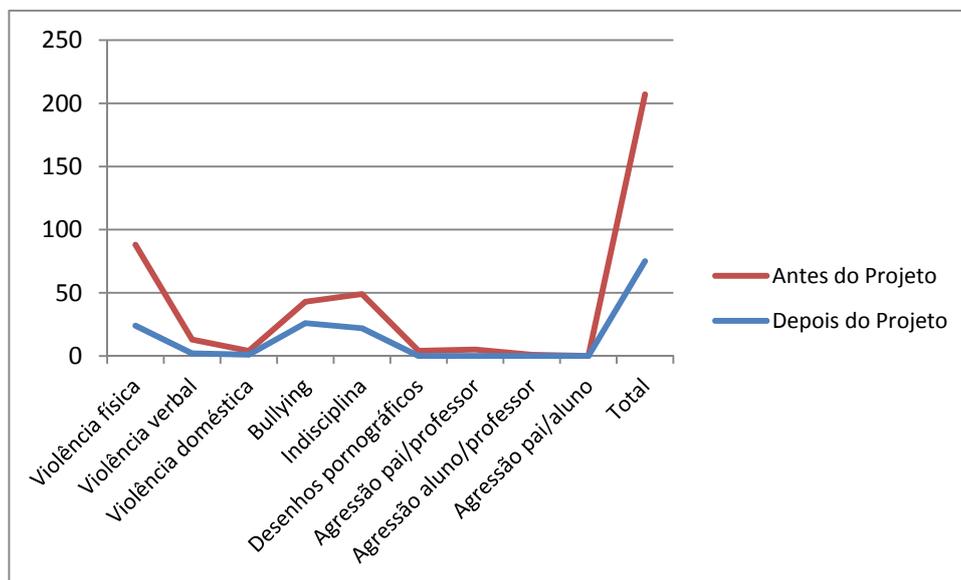
Tabela 1 – Número de casos de *bullying* e atos de violência em geral constantes do Livro de Ocorrências da Escola no período matutino.

Tipos de Violência	Antes do Projeto 05/03 a 15/08/2012		Depois do Projeto 01/10 a 07/12/2012	
	Frequência	%	Frequência	%
Violência física	88	42,5	24	32,0
Violência verbal	13	6,3	2	2,7
Violência doméstica	4	1,9	1	1,3
<i>Bullying</i>	43	20,8	26	34,7
Indisciplina	49	23,7	22	29,3
Desenhos pornográficos	4	1,9	-	-
Agressão pai/professor	5	2,4	-	-
Agressão aluno/professor	1	0,5	-	-
Agressão pai/aluno	-	0,0	-	-
<b>Total</b>	<b>207</b>	<b>100,0</b>	<b>75</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Dados Originais do Livro de Ocorrências Individuais da Escola, 2012.

Analisando o gráfico 1, fica claro que antes do projeto existia um alto nível de ocorrências de atos violentos, inclusive *bullying*, ressaltado pela linha na cor vermelha e, em seguida, diminuíram as ocorrências, representadas pela cor azul.

Gráfico 1 – Número de ocorrências antes e depois do Projeto *Antibullying* – Turno Matutino



Fonte: Dados Originais do Livro de Ocorrências da Escola, 2012, conforme tabela 1.

Passando ao turno vespertino (tabela 2), antes do projeto contaram-se 221 casos de violências e, após, este número declinou para 62, representando uma queda de 71,9%. Observando as violências mais frequentes, a de maior ocorrência antes do projeto era a indisciplina, com 79 casos, ou seja, 35,7% do total, seguida da violência física, com 69 casos, representando 31,2%. Depois vinha o *bullying*, com 42 casos, ou 19,0%, e a violência verbal, com 24 casos ou 10,3%. Antes do projeto, o *bullying* no período vespertino representava a terceira violência mais praticada. Após a sua realização, a queda mais pronunciada foi a da violência física, que passou de 79 casos para 21, ou menos 69,6%. A indisciplina se reduziu de 79 para 15 e o *bullying*, que antes tinha 42 casos, diminuiu para 15, isto é, menos 64,3%. No período vespertino o *bullying* ainda continuou a ser a terceira violência mais praticada, representando 24,7% do total de atos relatados de violências após o projeto.

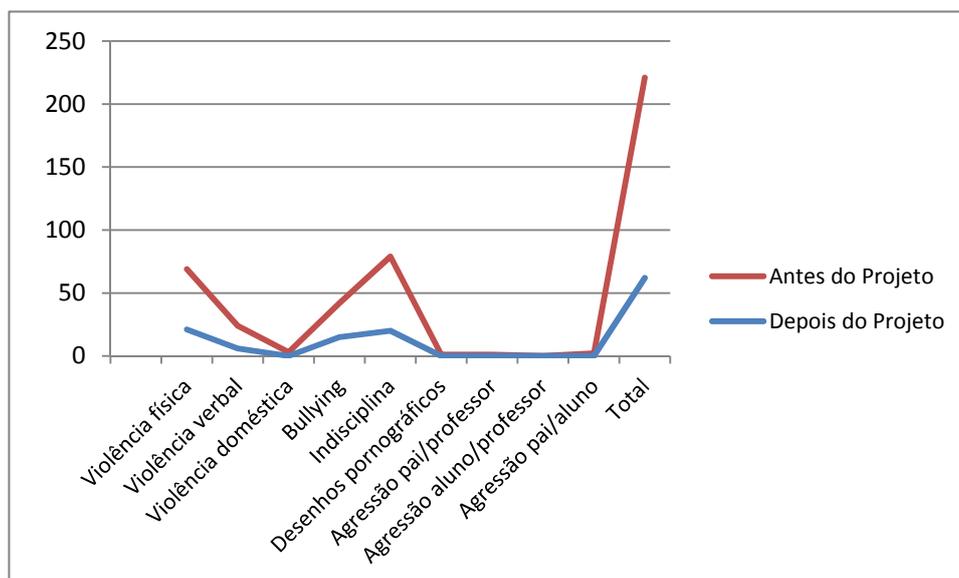
Tabela 2 – Número de casos de *bullying* e de atos de violência em geral constantes do Livro de Ocorrências da Escola no período vespertino.

Tipos de Violência	Antes do Projeto - 05/03 a 15/08/2012		Depois do Projeto-01/10 a 07/12/2012	
	Frequência	%	Frequência	%
Violência física	69	31,2	21	33,8
Violência verbal	24	10,8	6	9,7
Violência doméstica	3	1,4	-	--
<i>Bullying</i>	42	19,0	15	24,2
Indisciplina	79	35,7	20	32,3
Desenhos pornográficos	1	0,5	-	-
Agressão pai/professor	1	0,5	-	-
Agressão aluno/professor	-	-	-	-
Agressão pai/aluno	2	0,9	-	-
<b>Total</b>	<b>221</b>	<b>100,0</b>	<b>62</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Dados Originais do Livro de Ocorrências da Escola, 2012.

Observa-se uma significativa redução nos casos de violência física, verbal, indisciplina e *bullying*. Os casos de agressão de pai a professor e de aluno a professor caíram 100%. No turno vespertino haviam ocorrido dois casos de agressão de pai a aluno, mas, após o projeto, este tipo de agressão não ocorreu mais. Observa-se também que o número de casos de *bullying* antes do projeto era praticamente igual nos dois períodos: matutino, 43 casos, e vespertino, 42 casos. Após o projeto o último turno obteve maior redução dos números de casos que no primeiro. A frequência de violência física no turno matutino era bem maior que no vespertino, porém em ambos a redução foi considerável. No período vespertino se verificava alto número de casos de indisciplina, maior que do matutino, que caiu 74,7%. O turno vespertino alcançava a maior concentração de violências, todavia, após o projeto esse número se reduziu bastante, embora em ambos os turnos os níveis tivessem declinado.

Observando o gráfico 2, nota-se que antes do projeto o número de ocorrências de violências/*bullying* era bastante elevado, ressaltado pelo traçado vermelho, e que, após o Projeto *Antibullying*, baixou consideravelmente, representado pelo traçado azul, com algumas categorias tendo ausência de ocorrências, conforme a tabela. 4. Observa-se ainda que houve uma redução maior no período vespertino do que no período matutino.

Gráfico 2 – Número de ocorrências antes e depois do Projeto *Antibullying* – Turno Vespertino

Fonte: Dados Originais do Livro de Ocorrências da Escola, 2012, conforme tabela 2.

### A vertente qualitativa da avaliação

Conforme informado na metodologia, os alunos se manifestaram por meio de grupos focais. As crianças do 1º e 2º anos ouviram uma história sobre o *bullying* na escola (FANTE; PEDRA, 2008), para estimular a sua expressão. Ao seu modo, eles conceituaram *bullying* corretamente e manifestaram as dores que causam. Todos relataram ter gostado do projeto, em especial do abraço à escola, concluindo que as condições melhoraram muito. Entretanto, uma parte declarou que o *bullying* só havia melhorado um pouco e que não havia parado, o que se confirma pelas estatísticas acima analisadas. Embora parte dos alunos já não fossem agressores, alguns persistiam, o que mostra a profundidade do trabalho necessário à desconstrução deste tipo de violência.

Os estudantes de oito a 12 anos de idade, do 3º ao 5º ano, conceituaram o *bullying* de modo mais abrangente, mostrando tê-lo compreendido. Alguns usaram vocabulário mais sofisticado, mencionando o *cyberbullying*, o racismo, o preconceito contra o deficiente e a chantagem. Evidenciaram o seu consenso, ao considerar o *bullying* como forma de violência e condená-lo firmemente. Algumas vítimas narraram os seus sofrimentos, ao passo que outros alunos, embora dessem indícios de serem vitimados, preferiram calar-se, o que é uma expressão ainda da vergonha e do medo. Houve consenso de que a escola melhorou, mas que o *bullying* persistia em menor proporção.

Vários alunos se mostraram encorajados a contar aos pais e a procurar ajuda, inclusive na escola. Alunos com maior peso, menor altura e com alguma deficiência eram os alvos mais procurados pelos agressores. Ressaltaram a influência da violência em geral na sociedade e na família como fator que conduz à agressão. Disseram que passaram a sentir paz no recreio, que aprenderam a proteger-se, a respeitar-se e a ajudar o aluno especial a comunicar-se com um adulto quando sofresse *bullying* e, se esta alternativa não desse certo, a procurar outro adulto. Sugeriram que o projeto continuasse e a direção tomasse providências contra os agressores, isto é, adverti-los e puni-los. Por outro lado, reconheceram que os autores devem ser ajudados, pois também sofrem.

Por sua vez, os professores entrevistados, em maioria com mais de 21 anos de magistério, conceituaram *bullying* de acordo com o consenso da literatura e alguns relataram recordações tristes da sua vida escolar. Consideraram positivamente o projeto e assinalaram que ele só teve sucesso porque todos os docentes abraçaram a causa. Ainda assim, apenas um número muito reduzido se declarou achar preparado para lidar e intervir em situações de violência. Por isso mesmo, sugeriram, entre outros, cursos de capacitação com maior ênfase à prática; preparo na formação inicial do professor sobre violências e problemas da atualidade; desenvolver projetos como o avaliado, em parceria com a comunidade e a família; desenvolver projetos com as crianças vítimas e agressoras; trabalhar o tema da violência de forma lúdica, para atingir as crianças e as famílias, por meio das linguagens artísticas e do esporte, e elevar a autoestima dos alunos, inclusive trazendo a família para a escola e realçando a sua importância. O projeto foi avaliado muito positivamente, em especial a sua culminância, por ter atingido os educandos, deixando assim o *bullying* de ser tabu. Destacaram a diminuição da violência na escola, quer nas salas de aula, quer nas outras dependências. Todavia, consideraram existir ainda muito o que fazer, pois a violência não é só da escola, mas se encontra presente em toda a sociedade. Ressaltaram também que cada professor enriqueceu a abordagem do tema à sua maneira, o que sugere a relevância de reservar espaço ao protagonismo de cada educador. Expressaram a necessidade de o projeto continuar, com o envolvimento de toda a comunidade escolar, incluindo atividades lúdicas para atrair e sensibilizar o público infantil.

Quanto aos funcionários, com exceção de uma delas, revelaram trabalhar na escola de sete a 18 anos e participar de um sentimento de nós em relação à escola. Todos conceituaram *bullying* ao seu modo, mas revelando a compreensão do fenômeno, difundida pelo projeto. A maioria, entretanto, também revelou não se sentir preparada para intervir e lidar com situações de violência, o que indica a necessidade de preparação teórico-prática para a ação. Enfatizaram que a escola procura passar que o aluno é responsabilidade de todos. O projeto foi avaliado positivamente, tendo percebido mudanças em relação aos comportamentos discentes, em particular no recreio. Todos se manifestaram em favor da continuidade do mesmo, considerado “um bom começo”, a ser estendido a outras escolas.

Afinal, os gestores se caracterizaram como profissionais de longa experiência, a maioria com mais de 11 anos, sendo que os coordenadores se encontravam havia bastante tempo na escola, entre 11 e 21 anos. Todos exaltaram os pontos positivos do projeto e a redução da violência, além das mudanças de comportamento dos alunos, que então passaram a falar com propriedade do assunto e a exibir maior capacidade de defesa. Ao contrário de antes, quando a todo momento havia alunos na direção, passou a haver maior tempo disponível para realizar outras atividades. Realçaram o valor do teatro como modo de tocar a sensibilidade das crianças, bem como a importância de os professores buscarem informações, sem esperarem que venham até eles. Mencionaram a necessidade de ampliar ações do projeto pedagógico, durante todo o ano, inclusive focalizando agressores e vítimas, devidamente acompanhadas e avaliadas, vez que as mudanças de atitudes e comportamentos se constroem a longo prazo.

## Conclusões

Conquanto esta seja uma escola com certo nível de recursos materiais e de pessoal, talvez “rica” em relação à média brasileira, ela mesma desenvolveu, com seus próprios recursos o projeto em exame, que põe em relevo algumas condições e circunstâncias:

1. *O emprego das linguagens artísticas para mudar valores, atitudes e comportamentos.* A educação envolve modos de agir, pensar e sentir. Historicamente a escola se situou como instituição racionalizadora da modernidade (TOURAINÉ, s/d.), isto é, como a instituição que erigiria a razão ao nível mais alto,

assim contribuindo para melhorar a natureza humana. Esta é a principal raiz da escola voltada para o raciocínio e os conteúdos, secundarizando o papel das emoções, em especial as motivações de alunos e professores. Entretanto, a equipe escolar, neste projeto, soube orquestrar sentimentos, razão e ações, na busca de sensibilizar para o *bullying*. O projeto, em particular por meio do teatro, conseguiu levar os alunos a assumirem o papel do outro, isto é, colocar-se no lugar da vítima e sentir a sua dor.

2. *O bullying e outras formas de violência nas escolas têm reforçado as estratégias de vigiar e punir.* De um lado, equipamentos eletrônicos são amplamente utilizados, enquanto, de outro, baixam-se leis punitivas, inclusive no Brasil. De fato, o *bullying*, pelo seu caráter, pode e deve ser considerado infração. Com efeito, as instituições dificilmente podem subsistir apenas por meio do incentivo a seus membros, dispensando as sanções. Todavia, a predominância destas estratégias dificulta gravemente a educação para a construção da paz (BICKMORE, 2013), considerando que a escola é instituição a que cabe, entre outras missões, ensinar a conviver. De fato, o projeto avaliado deslocou o peso da balança das constantes e exaustivas punições para a consciência e a sensibilização, no desenvolvimento da cultura de paz.
3. *A escola, para elaborar, executar e avaliar o projeto, precisou de uma difícil quebra de rotina.* A estrutura escolar se compõe de uma série de células, as salas de aula, em torno da direção e de serviços comuns (apoio técnico-pedagógico, orientação educacional, provimento de merenda etc.), que constituem os *loci* onde predominantemente se desenvolve o processo educativo. O relativo isolamento dos professores, ainda mais nos primeiros anos do ensino fundamental, quando prevalecem os docentes de turma, estabelecem o diapasão do currículo: cada turma e cada educador se situa atrás de uma porta entrefechada (GOMES, 2005). A equipe, porém, conseguiu interromper este padrão de comportamento por meio de um projeto transversal ao currículo. Tal projeto tinha problemas de vida como alvo e galvanizou por algum tempo letivo os esforços de educadores e educandos, daí resultando os seus impactos. Os efeitos seriam escassos se ele se desenvolvesse em compartimentos reduzidos, tanto curriculares como físicos, as salas de aula e os componentes do currículo.
4. *O projeto marcou uma conduta de intervenção dos educadores nos problemas escolares.* Eles não se recusaram a vê-los, nem se ocultaram em alguma utopia ou fatalismo, no sentido de que nada se poderia fazer, mas arregaçaram as mangas. O comportamento dos educadores foi, portanto, o avesso da desídia docente, que tende a incrementar o *bullying*, segundo as constatações de Ortega-Ruiz, Del Rey e Casas (2013) antes mencionadas. Além disso, o projeto infundiu os processos de humanização a que se refere Machado (2013).

5. *Para levar a efeito tal projeto foi necessário a atuação de lideranças.* Havia (e até certo ponto continuou a haver) um sério problema comum, o *bullying*, ligado a outras formas de violência e à indisciplina, que sugava as energias da escola com a aplicação de sanções. Estas, reveladas pouco eficazes, levaram à conjugação de esforços em favor da construção de uma cultura de paz. Os efeitos se revelaram tangíveis, tanto que participantes enfatizaram o fim das filas de alunos à espera de serem punidos pela direção, dando tempo a outras atividades. A existência de um problema angustiante por si só não levaria à ação, como não leva em inúmeras escolas. Todavia, algumas pessoas conseguiram propor soluções relevantes e viáveis, enquanto os educadores aceitaram e atuaram como equipe.
6. *Liderança certamente difere de imposição, de rolo compressor que imprime ações comuns obrigatórias, uma forma de enfrentar violência com violência.* No caso, foi habilmente reservado um espaço para cada professor, no seu *locus*, desenvolver aspectos específicos do projeto, mantendo o seu protagonismo. Se reduzido a um papel passivo, o professor provavelmente cooperaria menos ou não o faria. Esta é uma decorrência da estrutura organizacional da escola e da forma como os currículos se desenvolvem, que até hoje pouco mudaram estruturalmente.
7. *O projeto, segundo o consenso dos participantes, teve grandes impactos, mas o bullying persiste, embora em menores proporções.* Por isso mesmo, sugeriram tomar outras providências, inclusive repetir o projeto. De fato, o processo de aprender a conviver precisa ser contínuo. Tendo sido efetuado um trabalho abrangente e de efeitos imediatos, os casos específicos precisam ser identificados e tratados. Conforme o triângulo de Olweus (1998), o *bullying* envolve o(s) agressor(es), a(s) vítima(s) e as testemunhas. Cada um dos seus vértices precisa de tratamento específico, inclusive considerando-se que, em outros triângulos, agressores podem ser vítimas e vice-versa. Também as testemunhas podem ser passivas – e com frequência intimidadas -, mas também podem atuar no reforço aos comportamentos violentos.
8. *Por último, quanto aos recursos, a escola dispunha de instalações, alguns equipamentos e materiais.* Era uma escola com uma certa porção de recursos manejáveis e certa autonomia financeira, o que certamente muito contribuiu para o sucesso do projeto. Entretanto, *a riqueza mais relevante foi a das pessoas*, com a sua imaginação, a arquitetura do projeto e a liderança, permitindo tecer o consenso e conjugar os esforços. Cumpre lembrar que o dinheiro é necessário, mas não suficiente. Igualmente, os recursos são indispensáveis, mas nem todo recurso é dinheiro. Do mesmo modo, apesar de tão endeusado, o dinheiro não compra tudo, apontando, assim, os limites morais do mercado (SANDEL, 2012).

## Referências

ABRAPIA – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA MULTI PROFISSIONAL DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA. Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2005.

ALBIN, K. Bullies in a wired world: the impact of cyberspace victimization on adolescent mental health and the need for cyberbullying legislation in Ohio. *Journal of Law and Health*, Cleveland, Ohio, v. 25, n. 1, p. 156-190, 2012.

BICKMORE, K. Políticas y programas para escuelas más seguras: ¿las medidas “contra el bullying” obstruyen a la educación para la construcción de paz? *Revista Iberoamericana de Evaluación Educativa*, Madri, v. 6, n. 2, p. 37-71, 2013.

BROOKE, N.; SOARES, J.F. (Orgs.). Pesquisa em eficácia escolar: origem e trajetórias. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

FANTE, C.A.Z. Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Versus, 2005.

FANTE, C.A.Z.; PEDRA, J.A. Bullying escolar: perguntas e respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FERREIRA, W.B. Vulnerabilidade à violência sexual no contexto da escola inclusiva: reflexão sobre a invisibilidade da pessoa com deficiência. *REICE – Revista Electrónica Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio de la Educación*, Madri, v. 6, n. 2, p. 120-136, 2008.

GOMES, C.A. A educação em novas perspectivas sociológicas. 4. ed. São Paulo: EPU, 2005.

MACHADO, M.F.E. A escola e seus processos de humanização: implicações da gestão escolar e da docência na superação do desafio de ensinar a todos e a cada um dos estudantes. Brasília: Liber Livro, 2013.

OLWEUS, Dan. Conductas de acoso y amenaza entre escolares. Madri: Morata, 1998.

ORTEGA-RUIZ, R.; DEL REY, R.; CASAS, J. A. Convivencia escolar: clave en la predicción del bullying. *Revista Iberoamericana de Evaluación Educativa*, Madri, v. 6, n. 2, p. 91-102, 2013.

SANDEL, M. J. O que o dinheiro não compra: os limites morais do mercado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

SECUNDA, P. M. At the crossroads of Title IX and a new “idea”: why bullying need not be “a normal part of growing up” for special education children. *Duke Journal of Gender Law and Policy*, Durham, N.C., v. 12, n. 1, p. 1-32, 2005.

SWEARER, S.M. et al. Understanding the bullying dynamic among students in special and general education. *Journal of School Psychology*, Charlottesville, Virginia, v. 50, p. 503-520, 2012.

TOURAINÉ, A. *Crítica da modernidade*. Lisboa: Instituto Piaget, s/d.

VAN DER WAL, M.; DE WIT, C.A.M.; HIRASING, R.A. Psychosocial health among young victims and offenders of direct and indirect bullying. *Pediatrics*, Elk Grove Village, Illinois, v. 111, n. 6, p. 1312-1317, jun. 2003.

Recebido em: 05/12/2013

Aceito para publicação em: 02/02/2014

## **Overcoming School Bullying: evaluation of a school project**

### **Abstract**

A public primary school located in the Federal District, Brazil, developed a curricular transversal project for overcoming bullying and other kinds of violence, predominantly based on artistic activities. Creativity and leadership were fundamental resources employed, in contrast with simple materials and equipment. Project evaluation research used document analysis and statistics, as well as focal groups with pupils and semi structured interviews with the pedagogical and the administrative staffs. Results revealed that bullying and other forms of violence decreased significantly after the project development. Both the level of awareness on the phenomena and knowledge on how to protect against them increased expressively.

**Keywords:** Project evaluation. School violence. Bullying. Peace culture. Curriculum.

## **Superando el Acoso en la Escuela: evaluación de una experiencia**

### **Resumen**

Esta investigación evaluó un proyecto de superación del acoso y otras violencias en una escuela pública primaria del Distrito Federal, Brasil. El proyecto, transversal en relación al currículo, incluyó predominantemente actividades artísticas. En la metodología de

evaluación se analizaron documentos, en particular los libros de ocurrencias, y se realizaron grupos focales con alumnos y entrevistas semiestructuradas con profesores y los equipos pedagógico y administrativo. Los resultados se revelaron muy positivos. Utilizando pocos recursos, la escuela reunió creatividad y liderazgo para desarrollar el proyecto. Como resultado, los reportes de acoso y violencia disminuyeron significativamente, así como aumentó la conciencia de estos fenómenos y de cómo protegerse contra ellos.

**Palabras clave:** Evaluación de proyecto. Violencia escolar. Acoso escolar. Cultura de paz. Currículo.